

GUERRA DE CONCEITOS ESPIRITUAIS NO CÉU

1. Albino Marks

A guerra ocorrida no “*Reino dos Céus*”, envolve os dois personagens centrais e os seus comandados: Miguel e Seus anjos e o dragão e os seus anjos.

Quem é Miguel? No hebraico o nome significa: quem é como Deus. Nas visões do profeta Daniel, Ele aparece como o Príncipe protetor do Seu povo: “*naquela ocasião Miguel, (Aquele que é como Deus), o grande príncipe que protege o seu povo, se levantará*” (Dn 12:1, NVI). *Aquele que é como Deus*, também é a Palavra atuante como o Criador do Universo (Jo 1:1-3). *Aquele que é como Deus*, também é o Cordeiro que foi morto para realizar a redenção do ser humano caído e a restauração do planeta Terra ao domínio do Deus eterno: “*digno é o Cordeiro que foi morto...*” (Ao 5:12, NVI). *Aquele que é como Deus*, é também o Rei dos reis e o Senhor dos senhores (Ap 19:16), “*a quem pertence a glória e o domínio para todo o sempre. Amém!*” (1Pe 4:11, NAA). Ele é “*Cristo Jesus, o Senhor, [...] Pois em Cristo habita corporalmente toda a plenitude da divindade*” (Cl 2:6, 9, NVI), porque Ele, Jesus, é Aquele que é como Deus – Miguel.

Quem é o dragão? Miguel, criador do Universo, de tudo e de todos nele existentes, criou um anjo que foi estabelecido como o líder dos anjos, “*ungido como um querubim guardião, [...] estava no monte santo de Deus e caminhava entre as pedras fulgurantes. [...] Era inculpável em seus caminhos desde o dia em que foi criado*” (Ez 28:14, 15, NVI).

Esse anjo se tornou conhecido como Lúcifer, portador de luz, por sua função de liderança exercida junto ao trono de Deus. “*Entre os anjos existia paz e alegria, em perfeita submissão à vontade do Céu. O amor a Deus era supremo, e imparcial o amor de uns pelos outros. Tal era a condição que existira por séculos, antes da entrada do pecado.*

[Lúcifer] possuía um conhecimento de inestimável valor acerca das riquezas eternas, o que o homem não possui. Ele experimentara o puro contentamento, a paz, a exaltada felicidade e as inenarráveis alegrias das moradas celestiais. Havia sentido, antes da rebelião, o prazer da plena aprovação de Deus. Obtivera completa apreciação da glória que circundava o Pai, e sabia que o Seu poder não conhecia limites.

Houve um tempo em que [...] era a alegria [de Lúcifer] executar as ordens divinas. Seu coração estava cheio de amor e regozijo por poder servir ao Criador” (VA, p. 16).

“Lúcifer fora o querubim cobridor. Estivera à luz da presença divina. Fora o mais elevado de todos os seres criados, e o primeiro em revelar ao Universo os desígnios divinos” (DTN, p. 758).

“O Salvador reuniu os discípulos em torno de Si, e disse-lhes: ‘se alguém quiser ser o primeiro, será o derradeiro de todos e o servo de todos. [...] Diante dEle ressurgiu a visão de Lúcifer, O ‘filho da alva’, sobrepujando em glória a todos os anjos que rodeavam o trono, e ligado pelos mais íntimos laços ao Filho de Deus” (DTN, p. 435). A sua designação de liderança sobre toda a hoste angelical foi executada com alegria durante tempos eternos. Misteriosamente esta posição de liderança, sua inteligência e beleza atuaram em sua mente com poder corruptor. O profeta Ezequiel descreveu o desenvolvimento desse mistério: “Seu coração tornou-se orgulhoso por causa da sua beleza, e você corrompeu a sua sabedoria por causa do seu esplendor” (Ez 28:17, NVI).

“O pecado é um intruso, por cuja presença nenhuma razão se pode dar. É misterioso, inexplicável; desculpá-lo corresponde a defendê-lo. Se para ele se pudesse encontrar desculpa, ou mostrar-se a causa para a sua existência, deixaria de ser pecado” (MM, 1959, p. 66).

Veladamente começou a questionar a autoridade, a sabedoria, a verdade, a justiça, o amor e todos os atributos do caráter de Miguel, perante os anjos, seus liderados, e apresentando os atributos de seu caráter como melhores e superiores, movido pela inexplicável ambição de ser igual ao seu Criador: *“subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo” (Is 14:14, NVI).*

“Pouco a pouco, Lúcifer começou a alimentar o desejo de exaltação própria. [...] Embora toda a sua glória proviesse de Deus, esse poderoso anjo passou a considerá-la como se fosse sua” (PP, p. 11).

O questionamento se revelou no ataque aos princípios de justiça e do amor da lei de Deus que é o poderoso promotor da harmonia de todo o Universo.

“Essa obra de oposição à lei de Deus teve seu início nas cortes do Céu, com Lúcifer, o querubim cobridor. Satanás resolveu ser o primeiro nos concílios do Céu, igual a Deus. Começou sua obra de rebelião com os anjos sob o seu comando, procurando difundir entre eles o espírito de descontentamento. E atuou de modo tão enganoso que muitos dos anjos foram ganhos para seu lado, antes que seus propósitos fossem conhecidos plenamente. Mesmo os anjos leais não puderam discernir plenamente seu caráter, nem ver o rumo para o qual levava sua obra. Havendo Satanás tido êxito em ganhar muitos anjos para o seu lado, levou a Deus a sua causa. Afirmando que era desejo dos anjos que ele ocupasse, a posição mantida por Cristo” (ME, v. 1, p. 222).

De maneira quase imperceptível, por determinação própria, em um ato inexplicável, separou-se da sua Fonte de vida e felicidade eternas, e o seu coração *“encheu-se de violência e pecou”* (Ez 28:16, NVI).

Lúcifer, a mais honrada das criaturas provocou uma guerra de conceitos nos Céus, contra Miguel, que é Cristo, o príncipe dos Céus, o seu criador.

“Lúcifer [...] tentou abolir a lei de Deus. Pretendeu que as inteligências não caídas do santo Céu não necessitavam de lei, sendo antes capazes de preservarem a si mesmas e de preservarem imaculada integridade” (VA, p.21).

O pecado de Lúcifer foi a rebelião contra a autoridade, a justiça e o amor do caráter de Miguel, que determina o relacionamento em todo o Reino dos Céus, abrangendo todo o Universo.

O profeta Isaías faz uma revelação significativa que bem ilustra a guerra de conceitos travada nos Céus e as consequências dos conceitos de engano: *“As autoridades e os homens de destaque são a cabeça, os profetas que ensinam mentiras são a cauda”* (Is 9:15, NVI).

O profeta João revela que Lúcifer, ensinou mentiras contra Deus e contra Cristo e a autoridade das Suas leis, e com os seus conceitos de mentiras e engano, a *“sua cauda, arrastou consigo um terço das estrelas (anjos) do céu”* (Ap 12:4, NVI).

De maneira sutil, ocultando o seu verdadeiro propósito, induziu uma terça parte dos anjos à rebelião contra a autoridade de Cristo e do governo de Deus, questionando a justiça de Sua lei.

“Desde o princípio, a grande controvérsia fora a respeito da lei de Deus. Satanás procurara provar que Deus era injusto, que Sua lei era defeituosa, e que o bem do Universo exigia que ela fosse mudada. Atacando a lei, ele visava subverter a autoridade de seu Autor. Seria mostrado no conflito se os estatutos divinos eram deficientes e passíveis de mudança, ou perfeitos e imutáveis” (PP, p. 44, 45).

“A lei de Deus é tão sagrada como Ele próprio. É uma revelação de sua vontade, uma transcrição de Seu caráter, expressão do amor e sabedoria divinos” (PP, p. 28).

A lei de Deus, transcrição do Seu caráter: *“a tua lei é a própria verdade”* (Sl 119:142, NAA), é a revelação da Sua vontade, expressão do Seu amor, Sua justiça, Sua graça e Sua sabedoria. Esses são atributos do Seu caráter, e tal como todos os Seus atributos, revelam a Sua personalidade como holística, uma totalidade completa e perfeita.

O profeta Isaías faz a reveladora proclamação sobre Jesus: *“Porque o Senhor é o nosso Juiz, o Senhor é o nosso legislador, o Senhor é o nosso Rei; ele nos salvará”* (Is 33:22, NAA).

A mensageira do Senhor para a igreja, argumenta: *“O que a linguagem é para o pensamento, é Cristo para o Pai invisível. Ele é a manifestação do Pai, e é chamado a Palavra de Deus. [...] Como legislador, Jesus exercia a autoridade de Deus. [...] A glória do Pai revelava-se no Filho. Cristo manifestou o caráter do Pai”* (MM, 1956, p. 38).

Jesus, como legislador, junto com Deus o Pai, são a personificação da lei, e a lei é o transcrito do Seu caráter. Logo, Deus é a lei. Jesus é Deus, logo, Jesus é a lei. Entenda-se lei, por: *“toda palavra que procede da boca de Deus”* (Mt 4:4, NAA).

O Juiz, o Legislador, a Lei, o Rei, em Seu caráter é o revelador do atributo que liga a Ele todas as Suas criaturas, a dependência de Sua graça: *“porque ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e as demais coisas. [...] Pois nele vivemos, nos movemos e existimos”* (At 17:25, 28, NVI).

O ódio e a inveja de Lúcifer, o transformaram em Satanás, enganador e acusador, e assim voltou-se contra a pessoa de Jesus, atacando o Seu caráter, a Sua Palavra, visando *“subverter a Sua autoridade”*.

O centro da rebelião.

A grande questão da guerra espiritual cósmica entre Cristo e Satanás nasceu em torno da magna questão sobre quem tem o direito de exercer a verdadeira autoridade e é digno de adoração.

Por meio do profeta Isaías Deus faz a desafiadora pergunta: *“c om quem vocês me vão comparar? Quem se assemelha a mim?”, pergunta o Santo*” (Is 40:25, NVI).

O apóstolo Paulo apresenta um argumento fundamental como resposta: *“ao Rei eterno, o Deus único, imortal e invisível, sejam honra e glória para todo o sempre. Amém”* (1Tm 1:17, NVI).

A pergunta é do *“Santo”*. A santidade de Deus O revela e O identifica como único em Sua natureza. A unicidade de Deus está no fato de não existir outro com quem possa ser comparado, ou mesmo assemelhado. A santidade O revela como único em Sua existência: é eterno (Sl 90:2); O revela como único em Sua estrutura: é imortal, é invisível (1Tm 1:17 e 6:16); O revela como único em Sua permanência: é imutável (Mt 3:6); O revela como único em Seus atributos (Êx 34:6-8), identificando-O como o Criador, Mantenedor e Redentor (Jo 1:1-3, 14).

A justiça de Deus é única e está expressa na eternidade e imutabilidade de Sua lei. Deus não pode mudar a Sua lei, porque a Sua santidade, unicidade, onisciência e presciência determinam a Sua imutabilidade: *“Desde o começo Eu anuncio o que vai seguir, desde o passado o que não está ainda executado. Eu digo: ‘Meu desígnio subsistirá, e tudo o que Me agrada, Eu o executarei’”* (Is 46:10, TEB).

O Seu amor único é expresso na criação do Universo de maravilhas que encantam e comunicam a certeza de provisão para as necessidades de todas as Suas criaturas; Seu amor único, é expresso na criação de criaturas com a liberdade de escolha.

A Sua graça é única: manifestada na Sua pessoa do Deus Todo-Poderoso, concedendo a liberdade de escolha para as Suas criaturas, fundada no relacionamento do amor; nos atos de assumir a culpa do pecador condenado e sofrer em Si a exigência da justiça da lei, libertando o culpado da justa condenação, e oferecendo graça superabundante movido pelo amor que não sofre alterações, em resposta da fé do contrito transgressor (Is 54:10).

A autoridade de Deus é única, porque é manifestada na execução da justiça substitutiva, revelada no amor incompreensível.

A Sua santidade, unicidade e autoridade são determinantes para a Sua adoração: *“Quem não Te temerá, ó Senhor? Quem não glorificará o teu nome? Pois Tu somente és santo. Todas as nações virão à Tua presença e Te adorarão, pois os Teus atos de justiça se tornaram manifestos”* (Ap 15:4, NVI).

Quando João quis adorar o anjo que lhe revelou as verdades do plano da salvação, esse disse: *“Não faça isso! Sou um servo de Deus, assim como você e os seus irmãos, os profetas, e como são os que guardam as palavras deste livro. Adore a Deus!”* (Ap 22:9, NAA).

Cristo, Deus eterno, unido a Deus-Pai e Deus Espírito Santo, atuou como o agente Criador de todo o Universo.

Portanto, a santidade e o poder único como Criador, qualifica o Deus-Trino como a autoridade suprema e o único digno de adoração.

Lúcifer, a mais exaltada criatura de Cristo, de maneira incompreensível e inexplicável ambicionou a autoridade e dignidade de Cristo e receber adoração. Na busca do seu propósito, de maneira mentirosa enganou e aliciou um grande número de anjos e, transformado em Satanás, o acusador e inimigo de Deus e de Cristo, rebelou-se contra o seu Criador.

“A influência de uma mente sobre outra, que é um forte poder para o bem quando santificada, é igualmente forte para o mal, nas mãos dos que se opõem a Deus. Este poder Satanás usou em sua obra de incutir o mal na mente dos anjos, insinuando que estivesse querendo o bem do Universo. Como querubim ungido, Lúcifer fora altamente exaltado; era imensamente amado pelos seres celestes, e era forte a sua influência sobre eles. Muitos deles deram ouvido a suas sugestões e deram crédito a suas palavras” (MCP, p. 23).

Lúcifer desafiou a unicidade e o poder criador de Deus: *“Subirei mais alto que as mais altas nuvens; serei como o Altíssimo”* (Is 14:14, NVI).

Nós, seres humanos somos criados únicos por Deus no ventre de nossa mãe (Sl 139:13). A nossa identidade pessoal é única, no entanto, pertencemos a uma espécie de bilhões de criaturas. Somos únicos em nossa personalidade, mas somos semelhantes a bilhões como criaturas da mesma espécie.

Lúcifer foi criado por Deus, com sua identidade pessoal única, mas pertencia à família de bilhões de anjos semelhantes um ao outro. No entanto, mesmo como criatura, Lúcifer ambicionou a autoridade, a unicidade e o poder de Deus e gerou o conflito de conceitos espirituais no Universo.

“O mal continuou a operar, até que o espírito de descontentamento maturou em ativa revolta. Então houve guerra no Céu, e Satanás com todos os que com ele simpatizavam, foi expulso. Satanás guerreou pelo domínio do Céu, e perdeu a batalha. Não poderia Deus por mais tempo confiar-lhe honra e supremacia, e estas, com a parte que ele ocupava no governo do Céu, foram-lhe tiradas”. (ME, v. 1, p. 222).

Nessa guerra de conceitos espirituais, Satanás foi vencido por Miguel e expulso dos Céus com os seus anjos e lançado à Terra ainda em estado de caos, sem forma e vazia (Gn 1:2).

A guerra continua na Terra.

Executando o Seu plano estabelecido na eternidade, Deus transformou o caos de nosso mundo em um exuberante jardim e criou o ser humano para nele habitar e o administrar.

Expulso dos Céus e confinado à Terra, tão logo teve a oportunidade com a criação do ser humano, Adão e Eva, como administradores deste último ato Criador de Deus com o planeta Terra para ser habitado, Satanás continuou a guerra de conceitos espirituais e a sua luta de ódio contra Cristo, atacando Adão e Eva.

Em suas visões, o profeta João viu Satanás em forma de símbolo, como um dragão vermelho, mas o identifica com os nomes: *“Diabo, Satanás ou ainda como a antiga serpente”*.

Disfarçando-se na *“antiga serpente”* e usando os seus conceitos mentirosos, enganou e induziu Adão e Eva ao pecado e a guerra de conceitos espirituais passou a se desenvolver na Terra e se tornou conhecida como o grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás.

“Expulso do Céu, Satanás estabeleceu o seu reino neste mundo, e desde aquele tempo tem lutado incansavelmente para afastar os seres humanos da lealdade a Deus. Usa o mesmo poder de que se serviu no Céu – a influência da mente sobre a mente. Os seres humanos tornam-se tentadores dos semelhantes. Acariciam os fortes, corruptores sentimentos de Satanás, e exercem um poder dominante, coercivo. Sob a influência desses sentimentos, as pessoas ligam-se entre si, formando confederações” (MCP, p. 28).

“Desde esse tempo Satanás e seu exército de confederados têm sido inimigos declarados de Deus em nosso mundo. Satanás tem continuado a apresentar aos homens, como apresentou aos anjos, suas falsas representações de Cristo e de Deus, e tem ganho o mundo para o seu lado. Mesmo as igrejas professadamente cristãs se têm posto ao lado do primeiro grande apóstata.

“Satanás apresenta-se como o príncipe do reino deste mundo, e foi assim que ele se aproximou de Cristo na última das três grandes tentações, no deserto” (ME, v. 1, p. 222, 223).

Entretanto, Deus, em Sua onisciência e presciência previu o surgimento do mal, no contexto do livre arbítrio, e a solução para o problema foi antecipadamente estabelecida.

Para o problema do grande conflito cósmico espiritual, Deus revelou-se único na sua solução: *“não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito” (Zc 4:6, NVI). “O governo de Deus é moral; e a verdade e o amor devem ser o poder predominante” (DTN, p. 759).*

Quando se julgou vitorioso sobre Adão, Satanás tomou conhecimento do plano da salvação de Deus, por meio da operação resgate, inundando o mundo com os conceitos da verdade, da justiça, do amor e da superabundante graça, revelado e realizado por meio de Cristo Jesus: *o “mistério que, durante épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, [...] mediante a igreja, a multiforme sabedoria de Deus se tornasse conhecida dos poderes e autoridades das regiões celestiais, de acordo como o seu eterno plano que ele realizou em Cristo Jesus, nosso Senhor” (Ef 3:9-11, NVI).*

Revelando o Seu plano eterno, Deus fez a proclamação de guerra entre o dragão, que o profeta João identifica como Satanás, Diabo e antiga serpente, e a “mulher”: *“porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela; este te ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar” (Gn 3:15, NVI).*

“O plano de nossa redenção não foi um pensamento posterior, formulado depois da queda de Adão. Foi a revelação ‘do mistério que desde tempos eternos esteve oculto’ (Rm 16:25). Foi um desdobramento dos princípios que têm sido, desde os séculos da eternidade, o fundamento do trono de Deus. [...] Deus não ordenou a existência do pecado. Previu-a, porém, e tomou providências para enfrentar a terrível emergência” (DTN, p. 22).

A declaração de guerra proclamada por Deus, no território dominado pelo inimigo, o planeta Terra, tendo como objetivo supremo a promessa da reconquista e a libertação do ser humano, envolvendo toda a sua descendência e o domínio a ele confiado, que fora perdido, evidencia que o grande conflito cósmico espiritual é um confronto direto de Cristo contra Satanás. H. Ross Cole comenta: *“É a cabeça da própria serpente que o descendente da mulher esmagará. A sugestão é a de um conflito pessoal, um contra um, personificando o encontro mais amplo, mais inclusivo” (No Princípio, p. 64).*

“O grande conflito que se fere agora, não é mera luta de homem contra homem. De um lado está o Príncipe da Vida, agindo como substituto e penhor do homem; do outro lado, o príncipe das trevas, tendo sob seu comando os anjos caídos” (MM, 1965, p. 211).

Esta declaração de guerra, gerou duas reações opostas no Universo: *“Celebrem-no, ó céus, e os que nele habitam! Mas ai da terra e do mar, pois o Diabo desceu até vocês! Ele está cheio de fúria, pois sabe que lhe resta pouco tempo”* (Ap 12:12, NVI).

Nas eternas arcadas ressoou o brado antecipado da vitória e o lamento pelo sangue derramado durante a guerra, pelo Cordeiro de Deus como o valor do resgate, e pelas fiéis testemunhas de Cristo, alvo da violenta fúria de Satanás.

A estratégia de Satanás no conflito desenvolvido na Terra.

O profeta identifica o dragão (drakon, no grego) vermelho com Satanás, o inimigo de Deus. Em verdade, é Satanás, aquele que é identificado como o verdadeiro inimigo de Deus no grande conflito cósmico espiritual entre a verdade e a mentira, entre o bem e o mal, mas que envolve todos os habitantes do mundo. No final do Seu ministério terrestre, Jesus declarou sobre Satanás como sendo o Seu grande inimigo: *“pois o príncipe deste mundo está vindo. Ele não tem nenhum direito sobre mim. [...] Pois o príncipe deste mundo já está condenado”* (Jo 14:30 e 16:11, NVI).

Entretanto, desde a sua primeira investida neste conflito espiritual contra a soberania de Deus, aqui na Terra, atacando o ser humano criado à imagem e semelhança de Deus, Satanás, no jardim do Éden, ocultou-se usando outra criatura, a serpente. Essa é a sua estratégia ao longo da história do pecado em nosso mundo.

A declaração do profeta: *“quando o dragão foi lançado à terra, começou a perseguir a mulher que dera à luz o menino”* (Ap 12:13, NVI) , significa que a guerra passou a desenvolver-se na Terra, com Satanás contra a mulher e envolvendo a *“sua descendência, os que obedecem aos mandamentos de Deus e se mantêm fiéis ao testemunho de Jesus”* (Ap 12:17, NVI), porque, da descendência da mulher viria o menino prometido, Cristo, o Redentor, para aniquilar Satanás e o seu reino.

Por essa razão, o dragão colocou em prática a sua estratégia, e tentou com todo o esforço frustrar o plano de Deus na promessa da vinda do menino Redentor; estabelecer e firmar o seu domínio sobre o planeta Terra como o seu reino. Com o nascimento de Caim, Satanás envolveu-o desde cedo em suas malhas, corrompendo o seu caráter e fazendo dele a semente, por meio de quem formou a sua descendência para povoar o seu reino. Moisés qualifica a descendência corrompida de Caim, como os filhos *“dos homens”* (Gn 6:2).

Como não obteve o mesmo êxito com Abel, induziu Caim para matar o seu irmão, porque se tornara um intruso em seu reino como uma

fiel testemunha do Reino de Deus, desafiando o inimigo em seu “suposto” domínio (Gn 4:2-10).

Para dar sequência ao plano estabelecido para a vinda do “Descendente”, Deus deu a Adão e Eva outro filho 130 anos depois da queda e pouco tempo depois da morte assassina de Abel. Outros filhos já haviam nascido durante este período, pois Caim, quando confrontado por Deus por causa do seu crime, declarou: *“qualquer que me encontrar me matará”* (Gn 4:124, NVI).

Segundo a visão de Deus, nenhum preenchia as condições para dar continuidade à linha genealógica do “Descendente”, e fez nascer Sete, cuja descendência, por sua fidelidade, se tornou conhecida como *“filhos de Deus”* (Gn 6:2).

Entretanto, com o tempo, Satanás conseguiu misturar as duas descendências, atraindo os filhos de Deus pela beleza da cupidez das filhas dos homens: *“por causa da perversidade do homem”* (Gn 6:5, NVI).

A intensidade do engano e das ações pecaminosas contra Deus se avolumaram de tal forma que, *“o Senhor viu que a perversidade do homem tinha aumentado na terra e que toda a inclinação dos pensamentos do seu coração era sempre e somente para o mal”* (Gn 6:5, NVI).

Deus interveio com o dilúvio, e com Noé e sua família, *“homem justo, íntegro entre o povo da sua época; ele andava com Deus”* (Gn 6:9, NVI), deu um novo começo para o Seu plano redentor dentro do período da temporalidade do pecado.

Cerca de 500 anos depois a situação era idêntica ao tempo do dilúvio, e Deus vocacionou Abraão, para dar continuidade ao plano do “Descendente” redentor.

Assim a guerra se desenvolveu ao longo de quatro milênios: *“Cristo é nosso exemplo. A resolução do anticristo, de propagar a rebelião que iniciou no Céu, continuará a atuar nos filhos da desobediência”* (TI, v. 9, p. 230).

E ao longo desse período do conflito, da mesma maneira como agiu com Adão e Eva, no jardim do Éden, Satanás, o *“anticristo, que iniciou a sua rebelião no Céu”*, continua com a estratégia, se ocultando e usando diferentes instrumentos, e lançando os seus *“ataques combinados de homens malignos e anjos maus. A inimizade de Satanás, atuando por meio de homens como seus instrumentos, foi impressionantemente desenvolvida”* (TI, v. 4, p. 593). (Destaque acrescentado). *“Faz parte de sua estratégia ocultar-se e agir às escondidas”* (GC, p. 431).

Assim ele agiu contra os judeus dispersos em todo o domínio da Medo-Pérsia, usando Hamã e enganando Xerxes: *“O próprio Satanás, o instigador oculto deste plano, estava procurando aliviar a Terra dos que preservavam o conhecimento do verdadeiro Deus”* (PR, p. 601).

Comentando a ação de Satanás durante o ministério terrestre de Jesus, é declarado que *“instrumentos satânicos operavam de contínuo para Lhe obstruir o caminho”* (TI, v. 6, p. 307).

Os instrumentos de Cristo e os instrumentos de Satanás

“Nenhuma verdade é mais claramente ensinada na Bíblia do que esta: Deus pelo Seu Espírito Santo, dirige de maneira especial Seus servos na Terra em grandes movimentos que têm por objetivo promover a obra da salvação. Os seres humanos são instrumentos nas mãos de Deus, usados por Ele para cumprir Seus propósitos de graça e misericórdia” (GC, p. 293).

O apóstolo Paulo define com clareza que os seres humanos podem ser usados como instrumentos de Cristo para a proclamação do Seu Reino, ou instrumentos de Satanás para promover a injustiça: *“Não ofereçam os membros do corpo de vocês ao pecado, como instrumentos de injustiça; antes ofereçam-se a Deus como quem voltou da morte para a vida; e ofereçam os membros do corpo de vocês a ele, como instrumentos de justiça”* (Rm 6:13, NVI).

Cristo é o grande comandante na guerra cósmica espiritual contra Satanás: *“Por meio de Cristo, Deus opera para trazer o homem de volta ao seu original relacionamento com o Criador, e para corrigir as desorganizadoras influências introduzidas por Satanás. Unicamente Cristo permaneceu incontaminado num mundo de egoísmo, onde os homens são capazes de destruir um amigo ou irmão de modo a levar a cabo o esquema posto em suas mãos por Satanás”* (TI, v. 6, p. 237).

Para proclamar a mensagem do plano da salvação, Jesus estabeleceu e usa a Sua igreja. *“Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não poderão vencê-la”* (Mt 16:18, NVI).

“Então vi outro anjo, que voava pelo céu e tinha na mão o evangelho eterno para proclamar aos que habitam na terra, a toda nação, tribo, língua e povo” (Ap 14:6, NVI).

Para formar e estabelecer a Sua igreja, Jesus escolheu e chamou instrumentos individuais: *“Foi na ordenação dos doze apóstolos que se deram os primeiros passos na organização da igreja que depois da partida de Cristo, devia levar avante Sua obra na Terra. A respeito dessa ordenação, o relato diz: ‘depois, Jesus subiu ao monte e chamou os que Ele quis, e vieram para junto Dele. Então designou doze, aos quais chamou de apóstolos, para estarem com Ele para os enviar a pregar’* (Mc 3:13, 14).*”*

“Por meio desses frágeis instrumentos, mediante Sua Palavra e Seu Espírito, Ele decidiu colocar a salvação ao alcance de todos. Deus e os anjos contemplavam aquele momento com júbilo e alegria. [...] Sua missão era a mais importante a que seres humanos já haviam sido chamados, inferior apenas à do próprio Cristo” (AA, p. 12, 13).

“Mas o Senhor disse a Ananias: Vá! Este homem é meu instrumento escolhido para levar o meu nome perante os gentios e seus reis” (At 9:15, NVI).

“Embora uma solene revelação da vontade de Deus quanto a nós tenha sido feita a todos, o conhecimento de Sua vontade não coloca de lado a necessidade de se fazer fervorosas súplicas por ajuda e de se buscar diligentemente cooperar com Ele na resposta às orações que foram feitas. Ele realiza Seus propósitos por meio de instrumentos humanos” (CBASD, v. 6, p. 1249).

“A igreja de Cristo é o instrumento de Deus para a proclamação da verdade; ela se acha por Ele revestida de poder a fim de realizar uma obra especial; e se for leal a Deus, obediente aos Seus mandamentos, contará com a excelência do poder divino. Se ela honrar o Senhor Deus de Israel, não haverá poder que contra ela prevaleça. Se ela for fiel a sua aliança, as forças do inimigo não terão para vencê-la mais poder do que teria a palha para resistir ao redemoinho” (TI, v. 8, p. 11).

“Não somos postos em contato com o mundo para ser levedados pela sua falsidade, mas para, como instrumentos de Deus, ser para o mundo um fermento da verdade divina” (TI, v. 7, p. 168).

“Em uma carta enviada a seu filho Edson e à nora Emma, Ellen White alertou: ‘Todas as forças de anjos maus combinadas com homens maus estarão em ação para suprimir a verdade’ Nesse campo de batalha, mantenha sua fidelidade e identidade fortemente baseadas na comunhão com Deus e Sua revelação” (MM, 2019, p. 335).

“A igreja é o instrumento escolhido por Deus para a salvação dos seres humanos. Foi organizada para servir, e sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio, Deus planejou que Sua igreja refletisse às pessoas Sua plenitude e suficiência. Os membros da igreja, que Ele chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, devem manifestar Sua glória. A igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo; por meio dela, a demonstração final e plena do amor de Deus será manifesta no devido tempo, até mesmos aos ‘principados e potestades nos lugares celestiais’ (Ef 3:10)” (AA, p. 7).

Do outro lado, Satanás se oculta e usa dois instrumentos básicos para defender o seu “suposto” reino e atacar o Reino de Cristo: os poderes temporais paganizados e o falso sistema de culto e adoração. Une os dois, para combater todos aqueles que amam e vivem os conceitos do Reino de Deus.

Assim, Satanás, simbolizado pelo dragão vermelho, já havia lutado contra todos aqueles que ao longo dos séculos estavam vivendo em harmonia com o governo de Cristo, em seu “suposto” território, usando todos os poderes temporais ao longo da história da humanidade, com destaque para o Egito, a Assíria, a Babilônia, a Medo-Pérsia, a Grécia e Roma imperial, que aparecem simbolizados nas suas sete cabeças coroadas.

Todos esses poderes eram dominados por um falso sistema de espiritualismo pagão, criado por Satanás, opondo-se e combatendo os princípios da verdade, justiça e amor manifestados pelo caráter de Deus.

Entretanto, a vida e a morte vitoriosas do *“Descendente”*, o menino nascido da mulher, tipicamente aconteceu na eternidade quando Deus planejou a criação do Universo: *“mas pelo precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro sem mancha e sem defeito, conhecido antes da criação do mundo”* (1Pe 1:19, 20, NVI).

Esse plano eterno é o mistério que *“foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas”* (Ef 3:9, NVI), para torná-lo conhecido no tempo oportuno.

Identificando os instrumentos

Como alguém pode ser identificado como um instrumento nas mãos de Jesus, ou um instrumento nas mãos de Satanás?

Certa oportunidade Jesus estava dialogando com os líderes espirituais de Seus dias, e fez-lhes esta declaração interrogatória: *“Por que vocês não compreendem a minha linguagem? É porque vocês são incapazes de ouvir a minha palavra”* (Jo 8:43, NAA).

Este problema persiste ao longo dos séculos. O ser humano é incapaz de ouvir e muito menos de compreender a Palavra de Deus. No entanto, tal como os interlocutores de Jesus, ouve a palavra do inimigo. Jesus continuou a Sua argumentação e feriu o ponto crucial de não compreender a Sua linguagem e as Suas palavras: *“Vocês são do diabo, que é o pai de vocês, e querem satisfazer os desejos dele. Ele [...] jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”* (Jo 8:44, NAA).

Esta é a grande tragédia em nosso mundo: os seres humanos que são incapazes de dar ouvidos às verdades da Palavra de Deus, dão ouvidos às mentiras inventadas pelo inimigo.

Jesus é muito objetivo na maneira de colocar esta questão: *“Mas, porque eu digo a verdade, vocês não creem em mim. [...] Quem é de Deus ouve as palavras de Deus; por isso, vocês não me ouvem, porque não são de Deus”* (Jo 8:45, 47, NAA).

Todo aquele que questiona e rejeita as verdades da Palavra de Deus, como a fonte segura de informações sobre questões espirituais e temporais, não é de Deus.

Jesus acusou os mestres judeus de que eles tinham por pai o diabo e buscavam satisfazer a sua vontade. Em resposta os mestres judeus devolveram a acusação e disseram que Ele estava possuído pelo demônio: *“Será que não temos razão em dizer que você é samaritano e têm demônio?”* (Jo 8:48, NAA).

Como Jesus avaliou a questão de ser dominado pelo diabo e fazer-lhe a vontade? *“Jesus respondeu: Eu não tenho demônio; pelo contrário, honro o meu Pai, mas vocês me desonram. [...] Se me glorifico a mim mesmo, a minha glória não é nada. Quem me glorifica é o meu Pai, o qual vocês dizem que é o Deus de vocês. Entretanto, vocês não o conhecem; Eu , porém, o conheço”* (Jo 8:49, 54, 55, NAA).

Para Jesus, ser dominado pelo diabo fazendo a sua vontade, não significa possessão visível, mas aceitar e defender as suas falsas ideias. A situação é a mesma de submeter-se ao controle de Deus e fazer a Sua vontade. Jesus declarou: Eu conheço a Deus, que é meu Pai, e defendo as Suas ideias e faço a Sua vontade, guardando a Sua palavra.

Jesus realmente foi contundente com os líderes espirituais de Seus dias. Eles se diziam filhos de Deus, mas não O conheciam. Qual a evidência que Jesus destacou como prova de que eles não conheciam a Deus? Não guardavam e não obedeciam à Sua Palavra, mas defendiam os conceitos mentirosos de Satanás.

“Pois, quando a Satanás é permitido controlar a mente não regida por Deus, ele a conduzirá de acordo com a sua vontade, até que a pessoa que está assim em seu poder se torna um eficiente instrumento para executar os seus desígnios. Tão amarga é a inimizado do grande originador do pecado contra os propósitos de Deus, tão terrível o seu poder para o mal, que quando os homens se desligam de Deus, Satanás os influencia e a mente deles é cada vez mais subjugada. Isto só ocorre até que lançam fora o temor de Deus e o respeito ao ser humano e se tornam ousados e confessos inimigos de Deus e de Seu povo” (CBASD, v. 2, p. 1127).

A quem prestamos obediência e com quem nos identificamos? Obedecemos a Palavra de Deus e nos identificamos com o Seu caráter, ou praticamos as mentiras de Satanás, identificando-nos com o caráter dele? Esta é a inquestionável questão que define de quem somos instrumento e a quem prestamos o nosso serviço.

“Quando se permite a Satanás moldar a vontade, ele a usa para realizar seus fins. Inspira teorias de incredulidade e incita o coração humano a guerrear contra a palavra de Deus. Com persistente e perseverante esforço, procura inspirar aos homens suas próprias energias de ódio e antagonismo contra Deus, e dispô-los em oposição às instituições e reivindicações do Céu e à operação do Espírito Santo. Alista sob seu estandarte todas as agências más, e leva-as para o campo de batalha sob seu generalato, afim de opor o mal ao bem” (MCP, p. 527).

É essa submissão a Satanás e identificação com os seus conceitos de engano que conduz o ser humano para o ato de adoração a Satanás e a rejeição a Deus, o único digno de adoração.

Satanás e seus métodos ocultos

No jardim do Éden, “para realizar sua obra sem que fosse percebido, Satanás preferiu fazer uso da serpente como médium, um disfarce bem adaptado ao seu propósito de enganar. [...] Assim, no jardim da paz, o destruidor estava à espreita, observando sua presa. [...] Diante da pergunta ardilosa do tentador, ela respondeu: [...] Satanás fez parecer ao santo casal que, se violassem a lei de Deus, eles se beneficiariam” (PP, p. 29-31).

Observe-se que Satanás “disfarçou-se” em forma da serpente para tentar e enganar Eva. Alcançando o seu objetivo, usou Eva como instrumento para tentar e enganar Adão: “Adão atendeu a voz de Satanás lhe falando por meio da esposa; ele acreditou em outra voz; não naquela que proferiu a lei no Éden” (MM, 2021, p. 195).

Sobre a maneira de Satanás influenciar e usar seres humanos nesta guerra cósmica contra Cristo, Ellen G. White faz declarações muito importantes: “Os líderes das igrejas populares não permitirão que a verdade seja apresentada de seus púlpitos ao povo. O inimigo os leva a resistir à verdade com rancor e malícia. Fabricam-se falsidades. Repete-se a experiência de Cristo com os líderes judeus. Satanás procura eclipsar todo raio de luz que vem de Deus para o Seu povo. Ele opera por meio dos líderes como o fez por intermédio dos sacerdotes e dirigentes nos dias de Cristo” (TI, v. 8, p. 197).

Mas não é somente sobre os desobedientes da lei de Deus que Satanás atua. Ele penetra nas fileiras do Seu povo induzindo-o a cometer atos contrários à Sua vontade: “Satanás levantou-se contra Israel e levou Davi a fazer um recenciamento do povo” (1Cr 21:1, NVI). “Foi o inimigo de nossa obra quem lançou o apelo para a consolidação da obra de publicações sob um só poder controlador em Battle Creek” (TI, v. 8, p.217).

Muitas vezes atitudes que parecem insignificantes aos olhos humanos, são setas inflamadas que lançamos contra o semelhante, dominados e usados pelo inimigo: “Muitos que professam ajuntar com Cristo, estão espalhando. [...] Expressando suspeita, inveja e descontentamento, entregam-se a Satanás como instrumentos. Antes que reconheçam o que estão fazendo, o adversário por meio deles conseguiu seu propósito. A impressão do mal foi feita, a sombra foi projetada, os dardos de Satanás atingiram o alvo” (PJ, p. 340, 341).

Qualquer ato de maldade praticado contra o semelhante é um dardo destruidor de Satanás usando instrumentos humanos como se estes fossem os verdadeiros causadores das desgraças entre os seres humanos.

O primeiro confronto registrado depois da queda de Adão, aconteceu, Satanás usando Caim para matar Abel, seu irmão, “reconhecido como justo” (Hb 11:4, NVI), vivendo os princípios do Reino de Deus no “suposto” território de Satanás. E, assim, sucessivamente, Satanás agiu ao longo das gerações.

“Pesava sobre Ele (Cristo) a dor de todas as épocas. [...] Viu que, na história do mundo, a começar com a morte de Abel, o conflito entre o bem e o mal tinha sido constante” (DTN, p. 534).

Poderes temporais a serviço do dragão vermelho, Satanás.

“Então apareceu no Céu outro sinal; um enorme dragão vermelho com sete cabeças e dez chifres, tendo sobre as cabeças sete coroas” (Ap 12:3, NVI).

Nas visões acompanhadas pelo profeta aparece o dragão vermelho com sete cabeças coroadas, indicando que simbolizam poderes que exerceram, exerciam ou ainda exerceriam a sua autoridade e poder, sendo usados por Satanás na guerra contra Cristo e Sua igreja. O dragão também tem dez chifres não coroados, indicando que são poderes que ainda não exerciam a sua autoridade. Isto relacionado com os dias do profeta João.

Depois do dilúvio, pode ser dito que de maneira mais direta, sete poderes temporais foram usados pelo dragão, Satanás, para *“perseguir a mulher”*, os santos do Altíssimo, fiéis e leais aos princípios do Reino de Deus, ao longo da história da humanidade .

Em verdade, de modo mais amplo, Satanás atua em toda parte em nosso mundo, em sua guerra contra o Reino de Cristo. No entanto, esses sete poderes se caracterizaram pela influência que exerciam sobre as nações de seu tempo e como tratavam os filhos do Reino de Deus vivendo no território do inimigo.

Trazendo à memória a atuação do Egito, o salmista declara: *“Mas enviou um homem adiante deles, José, que foi vendido como escravo”* (Sl 105:17, NVI).

Deus, em Seus planos, conduziu José para o Egito para demonstrar *“às nações pagãs as bênçãos que sobrevêm a humanidade mediante o conhecimento de Deus. [...] José se demonstrou fiel à sua aliança com o Deus do Céu. E todo o Egito se maravilhou da sabedoria do homem a quem Deus instruíra. Faraó ‘fê-lo senhor da sua casa, e governador de toda a sua fazenda, para, a seu gosto, sujeitar os seus príncipes, e instruir os seus anciãos’. Sl 105:21, 22. Não somente ao povo do Egito, mas a todas as nações ligadas com aquele poderoso reino, Deus Se manifestou por intermédio de José. Desejava torna-lo um portador de luz a todos os povos, e colocou-o como o segundo no trono do maior império da Terra, a fim de que a iluminação celestial se estendesse perto e longe. Por sua sabedoria e justiça, pela pureza e benevolência de sua vida diária, por sua devoção aos interesses do povo – e esse povo era uma nação idólatra – José foi o representante de Cristo. Em seu benfeitor, para quem todo o Egito se voltava com gratidão e louvor, aquele povo gentio, e por meio dele todas as nações com quem estavam em contato, deviam contemplar o amor de seu Criador e Redentor”* (TI, v. 6, p. 219, 220).

Quando a influência e todos os benefícios proporcionados por José foram esquecidos e os egípcios perceberam que os hebreus se

multiplicavam, passaram a considerá-los como uma ameaça para a soberania e segurança nacional do Egito,

Por esta razão, controlados e usados pelo dragão, Satanás, os egípcios passaram a oprimir com cargas pesadas e influenciar com práticas abomináveis o povo de Deus em formação, a partir de Abraão.

A ousadia e o atrevimento do Faraó ouvindo o pedido de Moisés para deixar o povo de Israel ir e celebrar uma festa ao Senhor, é similar em seu espírito, à rebeldia de Lúcifer contra Deus e Cristo no Céu: *“Quem é o Senhor, para que eu lhe obedeça e deixe Israel sair? Não conheço o Senhor”* (Êx 5:2, NVI).

Assim também a Assíria, além de exercer a sua influência paganizada, estendeu o seu domínio político desde o rio Tigre até as fronteiras do reino de Judá, levando para o cativeiro as dez tribos do reino de Israel, mesmo em sua condição de apostasia, e ameaçando com o mesmo destino a tribo de Judá.

“Israel é um rebanho disperso, afugentado por leões. O primeiro a devorá-lo foi rei da Assíria; e o último a esmagar os seus ossos foi Nabucodonosor, rei da Babilônia. Portanto, assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: castigarei o rei da Babilônia e a sua terra assim como castiguei o rei da Assíria” (Jr 50:17, 18, NVI).

Satanás sempre agiu com tamanho engano sobre as nações que recebiam autoridade de Deus, com domínio e influência sobre todos os povos de seu tempo, que essas rejeitavam a soberania de Deus e se colocavam a serviço dos planos de Satanás.

“Assim diz o Senhor dos Exércitos, o Deus de Israel: Eu fiz a Terra, os seres humanos e os animais que nela estão, com o meu grande poder e com o meu braço estendido, e eu a dou a quem eu quiser. Agora sou eu mesmo que entrego essas nações nas mãos de meu servo Nabucodonosor” (Jr 27:4-6, NVI).

Babilônia foi o primeiro império com domínio sobre as nações do seu tempo e reconhecido de extensão mundial dentro dos limites da época. Recebeu esse domínio das mãos de Deus em condições idênticas às do Egito, porque recebeu a poderosa influência de Deus como o Senhor do Céu e da Terra por meio do profeta Daniel e seus amigos, mas rejeitou a Sua soberania e se submeteu ao poder de Satanás na realização de seus propósitos contra o Reino de Deus

A Medo-Pérsia, ainda que proclamasse a liberdade de retorno dos judeus para a sua terra natal, exerceu forte influência sobre as nações com o seu sistema paganizado de adoração. Houve circunstâncias quando se opôs tenazmente contra o desenvolvimento do plano da salvação. O profeta Daniel relatou uma dessas circunstâncias e Ellen G. White comentando, fez esta declaração: *“Enquanto Satanás estava procurando influenciar as mais altas autoridades da Medo-Pérsia para que não mostrassem favor ao povo de Deus, anjos trabalhavam no interesse dos exilados. Era uma controvérsia na qual todo o Céu estava interessado. Por*

intermédio do profeta Daniel, temos um vislumbre dessa poderosa luta entre as forças do bem e os poderes do mal. [...] A vitória foi finalmente ganha; as forças do inimigo foram contidas todos os dias de Ciro, e todos os dias de seu filho Cambises II, que reinou cerca de sete anos e meio” (PR, p. 571, 572).

A Grécia, com suas filosofias pagãs, espalhou pelo mundo a descrença no Deus eterno e criador. Roma assimilou todas as formas de apostasia de seus antecessores e procurou destruir a fé na existência do Deus verdadeiro.

“Aqueles que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus, sentirão a ira do dragão e de suas hostes. Satanás reputa por súditos seus os habitantes do mundo; adquiriu domínio sobre as igrejas apóstatas; mas eis um pequeno grupo que resiste à sua supremacia. Se ele os pudesse desarraigar da Terra, completo seria seu triunfo. Como influenciava as nações pagãs para destruírem Israel, assim, num próximo futuro, ele incitará as maléficas potências terrestres para destruir o povo de Deus” (TI, v. 9, p. 231).

Satanás tentando matar Jesus Encarnado.

Com o nascimento de Jesus, Satanás usou Roma pagã e tentou “devorar”, aniquilar o Filho da mulher, Jesus, desde o seu nascimento até a Sua triunfante morte na cruz.

Como Satanás executou esses ataques contra o menino que estava para nascer trazendo em Si o plano da redenção? *“Quando Herodes percebeu que havia sido enganado pelos magos, ficou furioso e ordenou que matassem todos os meninos de dois anos para baixo” (Mt 2:16, NVI).* Satanás usou Herodes, representante de Roma Imperial pagã para executar esse ato contra Jesus, que foi frustrado por Deus, mas custou a vida de um grande número de inocentes crianças. *“Do dragão que procurava destruir a Cristo, em Seu nascimento, é dito que o dragão é Satanás (v: 9); foi ele que atuou sobre Herodes com o objetivo de matar o Salvador. Mas o principal agente de Satanás, ao fazer guerra contra Cristo e Seu povo, durante os primeiros séculos da era cristã, foi o Império Romano, no qual o paganismo era a religião dominante. Assim, embora o dragão represente primeiramente Satanás, é também, em sentido secundário, símbolo de Roma pagã” (GC, p.369).*

Falando sobre a morte sacrifício de Jesus, Ellen G. White declarou que: *“quando Jesus foi posto no sepulcro, Satanás triunfou. Ousou acreditar que o Salvador não viveria novamente. [...] Quando viu Cristo sair em triunfo, compreendeu que seu reino chegaria ao fim e que ele finalmente morreria” (DTN, p. 782).* *“Anjos maus exultaram ao redor da sepultura, pois imaginavam que Cristo havia sido vencido” (VA, p.).*

Durante os quatro mil anos desde a queda de Adão até a vinda de Jesus como o Messias e nos primeiros séculos depois da Sua primeira vinda, Satanás, simbolizado pelo dragão vermelho, guerreou contra o Reino de Cristo, oprimindo e destruindo os santos do Altíssimo, usando os poderes temporais paganizados.

O Velho Testamento em seus relatos revela os protótipos dessa guerra de conceitos espirituais, onde Satanás por meio de povos por ele dominados e induzidos a adorá-lo, colocando entre o Deus eterno, Criador do Universo, criaturas e imagens em forma de simulacros, de fabricação humana, mas inspiração de Satanás, e pela força da guerra impor os seus falsos conceitos espirituais.

O apóstolo Paulo, trazendo à memória essas ações de Satanás, escreveu para os romanos, resgatados dessa depravada e fútil adoração a Satanás, para adorar o único e verdadeiro Deus: *“dizendo-se sábios, tonaram-se loucos e trocaram a glória do Deus imortal por imagens feitas segundo a semelhança do homem mortal, bem como de pássaros, quadrúpedes e répteis. [...] Trocaram a verdade de Deus pela mentira, e adoraram e serviram a coisas e seres criados, em lugar do Criador, que é bendito para sempre. Amém”* (Rm 1:23, 25, NVI).

A Sagrada Escritura revela que o Sol, astros, animais e imagens fundidas se tornaram motivos centrais e obrigatórios para culto e adoração, desde antes do dilúvio e passando pelas nações, com destaque para o Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma Imperial, com seu poder dominante, e desaguando na igreja apostólica com mais intensidade a partir do terceiro século. Os grandes e poderosos poderes temporais estão simbolizados pelas sete cabeças coroadas do dragão, Satanás, que provocou essa guerra de conceitos espirituais no centro do Universo, o Paraíso, mas expulso e lançado para a Terra, com a queda de Adão, continua com a guerra e reclama o planeta como o seu domínio.

Satanás comandando a guerra contra Cristo em Sua missão .

Todos os acontecimentos que ocorrem na história da humanidade , em primeiro plano constituem a história do grande conflito espiritual entre Cristo e Satanás. Cristo, realizando o plano redentor no cumprimento das predições proféticas da Escritura Sagrada, e Satanás, com suas escaramuças, procurando destruir o plano. Entretanto, todos estão sob o inteiro e perfeito controle de Deus. Se assim não fosse, Ele deixaria de ser o Deus onipotente, onipresente, onisciente e presciente.

Para revelar que Deus conhece, prevê e controla todas as ações de Satanás ao longo do grande conflito espiritual, Jesus advertiu a Pedro: *“Simão, Simão, Satanás pediu vocês para peneirá-los como trigo”* (Lc 22:31, NVI).

É importante observar como outras versões traduzem a advertência de Jesus: *“Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo”* (BJ). *“Simão, Simão, escute bem! Satanás já conseguiu licença para pôr vocês à prova”* (NTLH).

Estas traduções nos reportam para a experiência do patriarca Jó, onde Satanás também obteve a permissão de Deus para provar a fidelidade de Jó: *“O Senhor disse a Satanás: ‘pois bem, ele está nas suas mãos; apenas poupe a vida dele’”* (Jó 2:6, NVI).

Outro exemplo que ilumina esta estratégia de Satanás, é relatado pelo profeta Daniel: *“então ele me disse: ‘você sabe por que vim? Tenho que voltar para lutar contra o príncipe da Pérsia e, logo que for, chegará o príncipe da Grécia; [...] e nessa luta ninguém me ajuda contra eles, senão Miguel, o príncipe de vocês”* (Dn 10:20, 21, NVI).

Ellen G. White comentando o relato do profeta Daniel, fez esta declaração: *“Enquanto Satanás estava procurando influenciar as mais altas autoridades da Medo-Pérsia para que não mostrassem favor ao povo de Deus, anjos trabalhavam no interesse dos exilados. Era uma controvérsia na qual todo o Céu estava interessado. Por intermédio do profeta Daniel, temos um vislumbre dessa poderosa luta entre as forças do bem e os poderes do mal. Durante três semanas, Gabriel se empenhou em luta com os poderes das trevas, procurando conter as influências em ação na mente de Ciro; e antes que a contenda terminasse, o próprio Cristo veio em auxílio de Gabriel. [...] A vitória foi finalmente ganha; as forças do inimigo foram contidas todos os dias de Ciro, e todos os dias de seu filho Cambises II, que reinou cerca de sete anos e meio”* (PR, p. 571, 572).

O pastor Elias Brasil de Souza, PhD em teologia e exegese do Antigo Testamento, argumenta com muita clareza: *“sabemos desde o início de Daniel 10 que o rei da Pérsia era Ciro. No entanto, um rei humano sozinho não pode oferecer oposição significativa a um ser celestial. Isso indica que, por traz do rei humano, existia um agente espiritual maligno que instigava Ciro a impedir que os judeus reconstruíssem o templo”* (Lição da Escola Sabatina, Primeiro Trimestre de 2020, Edição para o Professor, p. 163).

Exemplos muito esclarecedores sobre o uso de instrumentos humanos no desenvolvimento do grande conflito espiritual, encontramos de maneira dramática nos últimos dias da vida de Jesus, morrendo para vindicar o caráter de Deus, salvar pecadores, condenar o caráter de Satanás e destruir a temporalidade do pecado.

A vida e morte de Jesus no plano de Deus.

A rebelião de Lúcifer não tem explicação. O apóstolo Paulo a define como *“o mistério da iniquidade”* (2 Ts. 2:7, NVI). Como na rebelião de Lúcifer o amor e a justiça de Deus foram acusados de falsos e tirânicos, a resposta foi manifestada no *“grande mistério da piedade”* (1Tm 3:16): *“p orque Deus tant o amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito”* (Jo 3:16, NVI).

A rebelião do ódio e compulsão foi confrontada *“não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito”* (Zc 45:6, NVI).

A vida e morte de Jesus no plano eterno de Deus foi um concerto de amor eterno entre Deus, o Pai, e Deus o Filho. Deus *“tanto amou que deu o Filho”*. O Filho tanto amou que se deu a Si mesmo: *“por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida para retomá-la. Ninguém a tira de mim, mas eu a dou por minha*

espontânea vontade. Tenho autoridade para dá-la e para retomá-la. Esta ordem recebi de meu Pai” (Jo 10:17, 18, NVI).

Quando Deus, o Pai, decidiu que a realização do plano da redenção teria o fundamento do amor, Ele deu o que de mais preciso possuía: o Filho. Em face da decisão do Pai, o Filho de “*espontânea vontade*” entregou a Sua vida para realizar o plano. As duas decisões de amor sem limites, moveram o Pai em amor indescritível pelo Filho : “*por isso é que meu Pai me ama, porque eu dou a minha vida*” (Jo 10:17, NVI).

“Tudo isso proveio de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação. [...] Deus tornou pecado por nós aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2Co 5:18, 21, NVI).

Os pilares do plano de Deus

A proclamação do desenvolvimento e execução do plano de Deus se fundamenta em três poderosos e inquestionáveis pilares. Quando Jesus revelou a Sua missão para o cumprimento do plano de Deus, fez essa significativa declaração que ilumina e confirma a certeza de Sua messianidade: “*Não penseis que vim suprimir a Lei ou os profetas: não vim suprimir, mas cumprir. Pois em verdade eu vos declaro, antes que passem o céu e a terra, não passarão da lei um i nem um ponto do i, sem que tudo haja sido cumprido*” (Mt. 5:17 e 18, TEB).

Se em Jesus, Sua vida, Seu julgamento, condenação e morte não se cumprissem todos os detalhes da lei, o Pentateuco, as predições dos Salmos e dos profetas, não poderia ser o Salvador, porque não seria o Messias tipificado nos simbolismos do santuário, revelado na Sua cadeia genealógica humana e predito nas mensagens proféticas.

Para tornar real a salvação era inquestionável cumprir a lei das cerimônias da salvação tipificada, e cumprindo assim a justiça da lei moral “*a fim de que as justas exigências da Lei fossem plenamente satisfeitas em nós*” (Rm 8:4, NVI), na Pessoa do Filho do Homem, oferecendo graça, perdão, justificação, reconciliação e salvação. “*Cristo satisfaz as exigências da lei em Sua natureza humana. [...] Cristo se tornou nosso sacrifício e fiador. Ele se tornou pecado por nós, para que nós pudéssemos, através dEle, receber a justiça de Deus. Pela fé em Seu nome, Ele imputa em nós Sua justiça, e ela se torna um princípio vivo em nossa vida*” (O Senhor Justiça Nossa, p. 86, 88).

Porque o que era impossível efetivar pelo ato legal da lei cerimonial, “*porque aquilo que a Lei (cerimonial) fora incapaz de fazer*” (Rm 8:3), tirar os pecados, “*pois é impossível que o sangue de touros e bodes tire pecados*” (Hb 10:4, NVI), porque os sacrifícios oferecidos repetidamente “*nunca podem remover os pecados*” (Hb 10:11, NVI), “*Deus o fez, enviando seu próprio Filho, à semelhança do homem pecador, como oferta pelo pecado. E assim condenou o pecado na carne, a fim de que as justas exigências da Lei (moral) fossem plenamente satisfeitas em nós*” (Rm 8:3 e 4, NVI).

Também para tornar real o plano da salvação, o cumprimento de tudo o que os profetas predisseram a Seu respeito no restante da Escritura, teria de cumprir-se na Pessoa de Jesus. Nada, do que estava tipificado nos serviços do santuário e escrito nos profetas a respeito da Sua missão para salvar o pecador, poderia ser revogado, mas teria de cumprir-se.

Ele também teria de nascer com forma e determinava a Sua cadeia genealógica humana para dar cumprimento à proclamação de Deus de que viria em natureza humana como o *“Descendente da mulher”*.

Sem culpa, mas condenado.

Outra questão fundamental na condenação e morte de Jesus, está na condição de não ter uma única mancha de culpa, mas ser condenado, porque Sua morte era Substituta. Se tivesse uma única culpa, não seria o sacrifício perfeito, como Substituto, para pagar o preço do resgate pelo pecador. Ele entregou a Sua vida como o Filho do Homem, *“sem pecado”* (Hb 4:15), perfeito e inculpável, porque nenhum outro nome é dado entre os anjos e os homens que pudesse tornar real a salvação.

Jesus foi julgado e condenado, pelo tribunal e lei civil romanos. No entanto, um detalhe impressiona: cinco vezes, *“Disse Pilatos aos principais sacerdotes e às multidões: Não vejo neste homem crime algum”* (Lc 23:4, ARA), ou expressão similar; 2ª: v. 14; 3ª: v. 22, Mt 27:23 e Mc 15:14; 4ª: Mt 27:24; 5ª: Jo 19:4). Perante a lei civil romana Jesus é declarado justo e inocente.

A mulher de Pilatos enviou-lhe uma mensagem: *“não se envolva com este inocente [...]”* (Mt 27:19, NVI). O centurião romano, que comandou a execução, reconheceu com profunda emoção: *“Certamente este homem era justo”*. E: *“verdadeiramente este era o Filho de Deus”* (Lc 23:47 e Mt 27:54, NVI). Sete vezes Jesus é declarado inocente, sem culpa, e no momento de Sua morte é reconhecido como o Filho de Deus, o sacrifício da graça do Deus justo e amoroso, para cumprir a justiça exigida contra o homem culpado. João Batista anunciou Jesus como o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, e pelo centurião romano a morte de Jesus foi reconhecida como o sacrifício de Deus em favor do pecador, como uma dádiva e não como uma condenação.

O ato da justa sentença da lei moral executado em Jesus, que veio ao mundo *“à semelhança do homem pecador”* é reconhecido por Deus como *“plenamente satisfeito em nós”*, que somos o transgressor culpado.

O profeta Isaías predizendo o Seu julgamento, declarou: *“Ele não disse nada aos seus juizes e acusadores! Foi condenado num julgamento injusto e mentiroso”* (Is 53:7, 8, BV), *“embora não tivesse feito injustiça, e nenhum engano fosse encontrado em sua boca”* (Is 53:9, NAA)

“Nunca será esquecido que Ele suportou a culpa e a vergonha do pecado e a ocultação da face de Seu Pai, até que as misérias de um

mundo perdido Lhe quebrantaram o coração e aniquilaram Sua vida na cruz do Calvário” (GC, p. 539).

O julgamento de Jesus e o plano de Satanás.

Confrontando-se com Jesus nos dias em que esteve neste mundo para o cumprimento de Sua missão, de maneira muito intensa, nos dias que antecederam a Sua morte vitoriosa, Satanás se empenhou com todas as forças e artimanhas para induzir Jesus a pecar ou de alguma forma levá-Lo à morte antes ou depois da “hora” marcada no relógio de Deus, aniquilando o Seu plano da salvação.

A Escritura Sagrada e os escritos inspirados revelam as ações de Satanás com outros personagens humanos na condenação e morte de Jesus: *“Então Satanás entrou em Judas [...] e tratou com eles como lhes poderia entregar Jesus” (Lc 22:3, 4, NVI).*

“Judas sabia como eles estavam ansiosos para prender Jesus e se ofereceu para trai-Lo e entregá-Lo aos chefes dos sacerdotes e anciãos, por algumas moedas de prata. [...] Satanás estava operando diretamente por intermédio de Judas e, em meio à cena impressionante da última ceia, o traidor estava imaginando planos para entregar seu Senhor” (HR, p. 145, 146).

Satanás utilizou Judas, um dos discípulos de Jesus, para criar a oportunidade de prender e condenar Jesus à morte.

No horto do Getsêmani, no momento de Sua traição e prisão, Jesus revelou quem verdadeiramente estava na liderança de Sua prisão, do Seu julgamento e da Sua condenação: *“mas é vossa hora e o poder das Trevas” (Lc 22:53, BJ).* Jesus evidencia com grande amplitude e clareza que o conflito de conceitos espirituais teria a manifestação poderosa e mesmo visível do ódio e da maldade de Satanás, *“o poder das Trevas”*

A descrição de Ellen G. White, do julgamento e da condenação de Jesus, revela o quadro dramático e cruel, oculto, ao longo de toda a trama condenatória de Jesus, dessa batalha espiritual, como parte do grande conflito espiritual: *“Voltando, Jesus tornou a procurar o seu retiro, caindo prostrado, vencido pelo horror de uma grande treva. A humanidade do Filho de Deus tremia naquela probante hora. Não orava agora pelos discípulos, para que a fé deles não desfalecesse, mas por Sua própria alma assediada de tentação e angústia. [...] Os próprios demônios, em forma humana, achavam-se na turba, e que se poderia esperar, senão a resposta: ‘Seja crucificado’. [...] Desfalecido de fadiga e coberto de ferimentos, Jesus foi levado, sendo açoitado à vista da multidão. [...] Satanás dirigia a cruel massa nos maus tratos ao Salvador. Era seu desígnio provocá-Lo, se possível, à represália, ou levá-Lo a realizar um milagre para Se libertar, frustrando assim o plano da salvação. Uma mancha sobre Sua vida humana, uma falha de Sua humildade para resistir à terrível prova, e o Cordeiro de Deus teria sido uma oferta imperfeita, um fracasso para a redenção do homem. [...] Grande foi a ira de Satanás, ao ver que todos os maus tratos infligidos ao Salvador não Lhe forcaram os lábios a soltar uma só queixa. Embora*

houvesse tomado sobre Si a natureza humana, era sustido por uma força divina, e não Se apartou num só passo da vontade do Pai. [...] Aos que padeciam morte de cruz era permitido ministrar uma poção entorpecente, para amortecer a sensação de dor. Essa foi oferecida a Jesus; mas havendo-a provado, recusou-a. Não aceitaria nada que Lhe obscurecesse a mente. Sua fé devia ater-se firmemente a Deus. Essa era, Sua única força. Obscurecer a mente era favorecer vantagem a Satanás. [...] Satanás torturava com cruéis tentações o coração de Jesus. [...] Hostes de anjos maus se achavam reunidas em torno daquele lugar. Houvesse sido possível, e o príncipe das trevas com seu exército de apóstatas, teria mantido para sempre fechado o túmulo que guardava o Filho de Deus” (DTN, p. 690, 733, 734, 735, 746, 753 e 779).

Observe-se a cruenta opressão de Satanás contra Cristo, desde o jardim do Getsêmani até o sepulcro providenciado por José de Arimatéia. Uma massa de demônios e seres humanos comandados por Satanás, agindo com o desígnio de frustrar “o plano da salvação”.

“Cristo sofria vivamente sob maus tratos e insultos. Nas mãos dos seres que criara, e pelos quais estava fazendo imenso sacrifício, recebeu toda espécie de opróbrios. E sofreu proporcionalmente à perfeição de Sua santidade e ao Seu ódio pelo pecado. Seu julgamento por homens que agiam como demônios era-Lhe um sacrifício sem fim. Achar-se rodeado de criaturas humanas sob o domínio de Satanás, era-Lhe revoltante. E sabia que, num momento, por uma irradiação súbita de Seu divino poder, poderia reduzir a pó Seus cruéis atormentadores. Isso tornava a provação mais dura de sofrer” (DTN, p. 700, destaque acrescentado).

“Cortava o Seu coração a ideia de que aqueles que Ele tentava salvar, aqueles a quem tanto amava, se unissem aos planos de Satanás. O conflito era terrível” (DTN, 687).

Quando, Pilatos, em sua última tentativa para não condenar Jesus à morte, valendo-se do costume de soltar um condenado durante a festa da páscoa, colocou ao lado de Jesus o mais hediondo criminoso que estava preso e fez a decisiva pergunta: “Qual dos dois vocês querem que eu solte?” (Mt 27:21, NAA), por que a turba descontrolada pediu a libertação de Barrabás e clamou pela condenação de Jesus? “Satanás e seus anjos tentavam Pilatos e procuravam conduzi-lo à sua própria ruína” (VA, p. 115).

“Satanás e seus anjos resolveram tornar mais humilhante possível a morte de Cristo. Encheram o coração dos guias judeus de sentimentos de amargo ódio ao Salvador. Dominados pelo inimigo, sacerdotes e príncipes instigaram a multidão a postar-se contra o Filho de Deus. [...] E o próprio Pilatos, conhecendo-Lhe a inocência, entregou-O às afrontas de homens dominados por Satanás” TI, v. 9, p. 229).

No seu livro, “O Desejado de Todas as Nações”, Ellen G. White faz uma declaração contundente sobre a maneira oculta de Satanás agir: “matando Cristo, os sacerdotes se tinham tornado instrumentos

de Satanás. Achavam-se agora inteiramente em seu poder. Estavam emaranhados numa teia da qual não viam escape, senão continuando sua guerra contra Cristo” (DTN, p. 785).

Para conseguir levar Jesus a pecar, ou desistir de Sua morte Substituta, que foi a batalha decisiva do grande conflito cósmico espiritual, Deus permitiu as ações de Satanás e seus anjos para *“tornar mais humilhante possível a morte de Cristo”*. Satanás, lutando com desespero letal, usou os *“guias judeus, os sacerdotes e príncipes, Pilatos e a multidão de homens dominados pelo seu poder”*.

Jesus experimentou as provas mais severas nos momentos finais da grande batalha do Getsêmani até o Calvário. Se não resistisse a uma de todas as cruéis investidas de Satanás, o plano da salvação estaria destruído.

Em uma de suas mensagens matinais, o Pastor Emilson dos Reis escreveu: *“Se o diabo tentar um de nós e vencer, conquistará apenas um. Talvez, por intermédio deste, alcance mais alguns. Porém, se ele conseguisse levar Cristo a cometer um único pecado, por menor que fosse, quantos ele conquistaria? Subjugaria todos! O destino de toda a humanidade repousava sobre os ombros de Jesus, e Satanás sabia disso. Por essa razão, ele perseguiu Jesus tão incansavelmente, da manjedoura à cruz.*

“Mesmo quando Jesus se esvaía em sangue, na angústia final, Satanás estava a postos. Agindo por meio da multidão curiosa e insensível, dos sacerdotes e demais líderes religiosos e dos próprios ladrões que sofriam ao Seu lado, ele tentou o Salvador a odiá-los e a desistir de Sua missão Mt 27:38-44” (MM, 2023, p. 187).

“Satanás, porém, trabalhando por meio dos elementos desobedientes, contrariava a obra de Deus. Desesperado, determinou-se a eliminar todo raio de luz que brilhasse em meio as trevas morais do mundo e, assim, acabar com a comunicação proveniente do trono divino. Resolveu desafiar Deus Pai, que enviou Seu Filho ao mundo. ‘Este é o herdeiro’ – disseram os lavradores maus – ‘venham, vamos matá-lo, e a herança será nossa’ (Mc 12:7). E assim crucificaram o Senhor da vida e da glória”. (MM, 2022, p. 121).

Atente-se para a aplicação definida de Ellen G. White, da parábola dos lavradores: *“Satanás, [...] determinou-se a eliminar todo raio de luz que brilhasse em meio as trevas morais do mundo. [...] Resolveu desafiar Deus Pai, que enviou Seu Filho ao mundo. ‘Este é o herdeiro’ – disseram os lavradores maus – ‘venham, vamos matá-lo, e a herança será nossa’ (Mc 12:7). E assim crucificaram o Senhor da vida e da glória”. (MM, 2022, p. 121).*

Matando Jesus por meio de instrumentos humanos, Satanás julgava vencida a guerra do grande conflito espiritual e se tornar o soberano definitivo deste mundo com toda a desgraça do pecado.

Satanás, o pecado, e sua temporalidade determinada

Na declaração profética de Gênesis 3:15, Deus faz uma promessa e estabelece que o período entre a promessa e o seu cumprimento se limita a um espaço de tempo, por Ele determinado. O começo é a queda de Adão, e o fim, é a destruição de Satanás, seus demônios e todos os pecadores rebeldes, no final dos mil anos da prisão de Satanás. Somente Deus conhece a extensão desse espaço de domínio da temporalidade do pecado.

O conflito espiritual entre Cristo e Satanás, é um conflito sem tréguas. Portanto, compreender a história da humanidade à luz dos relatos da Escritura Sagrada, coloca perante nós o grande desafio de submeter ao crivo da sua investigação, sem preconceitos estabelecidos, a autenticidade e veracidade de suas informações. Seguindo este procedimento, as dúvidas são desfeitas.

Há, porém, pelo menos três questões cruciais para compreender o surgimento e a existência do Universo, do planeta Terra e a história da humanidade que nele acontece ao longo de milênios como a conhecemos: a rejeição de Deus como o Criador, a rejeição das Escrituras Sagradas como um documento histórico digno de confiança e o desconhecimento do grande conflito cósmico espiritual entre Cristo e Satanás. A terceira é, sem dúvida, o nó górdio. Desconhecer o grande conflito cósmico espiritual, com o consequente problema do pecado e o plano da salvação como a única solução para o conflito e o aniquilamento do pecado, é bloquear o caminho para compreender a verdade sobre a criação, a existência e o desígnio de nosso mundo e do Universo.

Se no estudo das Escrituras Sagradas e especialmente de suas profecias, não divisarmos este conflito, Cristo por meio de Seu instrumento, a igreja, proclamando o plano da salvação, e Satanás, por meio de seus instrumentos, os poderes temporais e os poderes espirituais corrompidos, atacando a Cristo e o plano da salvação, não compreendemos a verdadeira história da humanidade, continuamos desconhecendo o domínio de Satanás sobre a mente humana e não compreendendo a verdadeira razão da existência do pecado, do bem e do mal. Aliás, o pecado é um conceito inexistente no contexto do conhecimento e da sabedoria humana.

Esta é a grande questão que gera tantos porquês, questionando o sofrimento e a morte em face da existência de Deus como Todo-poderoso, justo e amoroso. A compreensão do grande conflito cósmico espiritual é a única resposta convincente para a existência do pecado e suas consequências: sofrimento e morte.